



Bolsonaro e o Acordo de Paris: 2 – Declarações contraditórias



Por: **Philip Martin Fearnside** | 22/05/2019 às 18:34

Bolsonaro e seus ministros têm feito declarações contraditórias sobre a retirada do Brasil do Acordo de Paris. Essa promessa de campanha tornou-se proeminente depois que o filho de Bolsonaro, Eduardo, viajou para Nova York em agosto de 2018 para se encontrar com Steve Bannon [1], que é quem convenceu o presidente dos EUA, Donald Trump, para se retirar do acordo. Bolsonaro nomeou negadores do clima para chefiar tanto o Ministério do Meio Ambiente [2] quanto o Ministério das Relações Exteriores [3].

Tanto os novos ministros do meio ambiente [4] quanto das relações exteriores [5-6] aboliram as seções de seus ministérios que lidavam com as mudanças climáticas.

Uma declaração de Bolsonaro antes do segundo turno de outubro de 2018 foi amplamente divulgada como uma reversão de sua intenção de abandonar o Acordo de Paris, mas, na verdade, não houve reversão. O que Bolsonaro disse foi que o Brasil

permaneceria no acordo se “alguém” pudesse dar a ele uma garantia por escrito de que não haveria projeto “Triplo A” e nenhuma “independência de qualquer terra indígena” [7].

“Triplo A” refere-se a uma proposta de uma ONG colombiana para uma cadeia de áreas protegidas ligando os Andes ao Atlântico, que Bolsonaro acredita ser uma conspiração estrangeira para tirar a Amazônia do Brasil, enquanto “independência de qualquer terra indígena” refere-se a sua crença de que governos estrangeiros estão tentando convencer os povos indígenas a declarar independência do Brasil para que os governos conspiradores possam reconhecer as áreas e ganhar o controle sobre a Amazônia.

Como nenhuma garantia por escrito pode ser esperada em relação a essas ameaças imaginárias, a promessa de Bolsonaro de deixar o Acordo de Paris permaneceu intacta [8]. Mais tarde, ele disse que o Brasil poderia permanecer no Acordo de Paris, mas apenas se o acordo fosse alterado para atender às suas demandas [9].

A Conferência das Partes de 2019 da Convenção do Clima (COP25) também foi caracterizada por Bolsonaro como uma ameaça porque “está em jogo o ‘Triplo A’ nesse acordo”, e, após a eleição, ele solicitou (com sucesso) à administração presidencial Temer para revogar o convite do governo brasileiro para sediar a conferência [10].[12]

Notas

[1] Darby, M. 2018. [Brazil: Bolsonaro threatens to quit Paris climate deal](#). *Climate Exchange News*, 14 de agosto de 2018.

[2] Bilenky, T., T. Fernandes & P. Watanabe. 2018. [Aquecimento global é tema secundário, diz futuro ministro](#). *Folha de São Paulo*, 10 de dezembro de 2018, p. B9.

[3] Di Cunto, R., C. Araújo & C. Freitas. 2018. [Novo chanceler diz que esquerda criou ‘ideologia da mudança climática’](#). *Valor Econômico*, 15 de novembro de 2018.

[4] Alencastro, C. 2019. [Governo acaba com secretaria dedicada a mudanças climáticas e gera temor entre cientistas](#). *O Globo*, 07 de janeiro de 2019.

[5] Estadão Conteúdo. 2019. [Itamaraty também deixa de ter uma divisão sobre mudança do clima](#). Estadão Conteúdo, 10 de janeiro de 2019.

[6] Tuffani, M. 2019. [Governo elimina área de Ambiente, Energia e Ciência e Tecnologia do Itamaraty](#). *Direto da Ciencia*, 10 de janeiro de 2019.

[7] *Jornal Económico com Lusa*. 2018. [Discurso de Bolsonaro é o “mais ameaçador” para Amazônia e Acordo de Paris](#). *Jornal Económico com Lusa*, 04 de novembro de 2018.

[8] Fearnside, P.M. 2018. [Why Brazil’s New President Poses an Unprecedented Threat to the Amazon](#). *Yale Environment 360*, 08 de novembro de 2018.

[9] Soares, J. & R. Grandelle. 2018. [Bolsonaro afirma que vai sugerir mudanças no Acordo de Paris](#). *O Globo*, 13 de dezembro de 2018.

[10] Marques, J. & T. Fernandes. 2018. [Bolsonaro diz ter pedido para não haver Conferência do Clima da ONU no Brasil. Folha de São Paulo, 29 de novembro de 2018.](#)

[11] Fearnside, P.M. 2019. [Will President Bolsonaro withdraw Brazil from the Paris Agreement?](#) *Mongabay*, 31 de janeiro de 2019.

[12] As pesquisas do autor são financiadas exclusivamente por fontes acadêmicas: Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq: proc. 305880/2007-1; 5-575853/2008 304020/2010-9; 573810/2008-7), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM: proc. 708565) e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA: PRJ15.125). Este texto é traduzido de um comentário pelo autor no site da Mongabay [11].

A fotografia que abre este artigo é do presidente Jair Bolsonaro empossando o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, no Palácio do Planalto.

(Foto Valter Campanato/ABr)

Leia os outros artigos da série:

[A Hidrelétrica de Sinop](#)

[A Hidrelétrica de Sinop: 2 – Mortandade de peixes](#)

[A Hidrelétrica de Sinop: 3 – As explicações da empresa](#)

[A Hidrelétrica de Sinop: 4 – O processo de licenciamento](#)

[A Hidrelétrica de Sinop: 5 – Floresta morta e peixes em reservatórios](#)

[A Hidrelétrica de Sinop: 6 – Floresta morta e gases de efeito estufa](#)

[A Hidrelétrica de Sinop: 7 – Sinop como emissor de gases de efeito estufa](#)

[A Hidrelétrica de Sinop: 8 – Metilização de mercúrio](#)

[A Hidrelétrica de Sinop: 9 – O papel dos consultores](#)

Philip Martin Fearnside é doutor pelo Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus (AM), onde vive desde 1978. É membro da Academia Brasileira de Ciências e também coordena o INCT (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia) dos Serviços Ambientais da Amazônia. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), em 2007. Tem mais de 500 publicações científicas e mais de 200 textos de divulgação de sua autoria [que estão disponíveis aqui](#).